

## Mulheres e semblantes I<sup>1</sup>

*Jacques-Alain Miller*

Na última vez anunciei o título "Mulheres e semblantes". Posso dizer, buscando apoio na experiência analítica, que existe uma afinidade especial, eletiva, entre as mulheres e os semblantes? Isso não é garantido. O certo é que ao se perguntar já se diz, e meu título parece me obrigar a avançar nessa direção. Embora, talvez, sustente o contrário! Talvez seja mais esclarecedor tomar o avesso desse tema que nos é dado, pois efetivamente ele existe; observamos, nas mulheres, um ódio muito especial ao semblante.

### *Cinismo feminino*

Inclusive não vejo por que não anunciar, com um termo audacioso, um *cinismo feminino*. A terminologia é arriscada porque na história do pensamento o cinismo como posição subjetiva, como conhecimento, o cinismo histórico foi sustentado pelos homens. Falo de conhecimento, pois dita filosofia não assumiu – não podia fazê-lo por causa de seus fundamentos – uma forma de sistema, o que não lhe impede de ser animada por um *automaton*. Todavia, enunciar a posição cínica supõe, sem dúvida, certa inocência porque o cinismo que não se pronuncia, que não se confessa, está muito mais perto do autêntico. Talvez seja isso o que se deduz quando se observa o realismo especial das mulheres, seu lado *pés no chão*, ali onde os homens seriam poetas.

Mesmo que seja de forma brusca, por que não dizer que as mulheres parecem, às vezes e na medida do possível, mais amigas do real? De qualquer forma, isso se explica pelo fato de elas não terem necessariamente a mesma relação com a castração que os homens. Em certo sentido, como assinala Lacan, a castração nelas é de origem, o que se confirma com a conhecida indicação sobre a ausência de fetichismo nas mulheres. O fetichismo traduz no homem o horror, o desmentido da castração que aqui podemos homologar, por aproximação, ao real do qual alguém se protege. Em todo caso, é desse modo que elas se inscrevem na literatura psicanalítica e por isso mesmo justificaria a expressão – também arriscada – de *amigas do real*.

Por acaso não se poderia dizer isso? Pois dizer tudo é nocivo ao tema, como indica Lacan na página 741 dos *Escritos*: “[...] tudo pode ser imputado à mulher, já que, [e fornece a razão precisa] na dialética falocêntrica, ela representa o Outro absoluto”.

Desde o momento em que se faz girar as coisas (as coisas da relação sexual, da clínica, da própria natureza das coisas) em torno do significante imaginário do falo, a mulher está na posição do Outro: é a que não tem. E como falta nesse espaço uma indicação que permita saber se sim ou se não, naturalmente lhe é imputada uma inconsistência, cuja tradução lógica Lacan nos oferece com sua fórmula da sexuação feminina. Dali também gira a futilidade que é referida à mulher (se dela pode ser dita qualquer coisa, o conjunto do que se diz é inconsistente), assim como a inconsistência dos ditos sobre o amor.

Ela é o mais fiel? Por acaso, é o mais variável que existe? Ela é passional, sujeita a uma única causa, ou melhor, muitas vezes a *mulher varia, louco de quem nela se fia*? A sabedoria popular sustenta isso com a mesma verossimilhança. De fato, sempre se está dentro do verossímil quando alguém se aventura nesse espaço onde os semblantes se fazem passar pelo que há e onde não há, provavelmente, outra coisa a não ser semblantes.

Porém, poderia o semblante encarnar o que elegi como começo desse labirinto, desse palácio de espelhos? Talvez possa representar o cinismo feminino, que podem considerar completamente desconhecido; uma maneira de sublinhar que as mulheres pensam, talvez com menos vontade, em capturar o real com o significante. A posição feminina incluiria certa "intuição" (entre aspas) – entendida como algo que não é da ordem do conceito, no sentido que recordei na última vez a partir de Kant – de que o real escapa à ordem simbólica, o que aproximaria essa posição à do analista.

Quando tentei encarnar a figura do cinismo feminino, ofereceu-se a mim com todo frescor e evidência *Zazie no metrô*, a imortal novela de Raymond Queneau. Ali a única coisa que deixa a heroína boquiaberta, a única coisa com a qual ela tenha talvez alguma afinidade, certo parentesco, é o louro Laverdure. Seguramente vocês lembram desse louro que intervém na intriga com esta famosa frase que ressoará por séculos e séculos: "Falas, falas, não sabes fazer outra coisa"! O papagaio se singulariza no reino animal por possuir o uso da palavra, e o reduzimos a não fazer muito mais do que isso. Então, esse louro que na França chamamos familiarmente de Jacquot – o que evidentemente fez que se prestasse uma especial atenção nele – denuncia o próprio exercício literário, já que nosso Queneau constrói quase um diálogo ao escrever e ademais denuncia a vacuidade de tudo que se trama, digamos, na civilização.

"Falas, falas e não sabes fazer outra coisa!" Se uma mulher lhes lança isso, não é um bom sinal. Em todo caso, em certos contextos, é um convite para passar à ação. Se para o homem uma mulher pode representar a hora da verdade, como expressa Lacan, é porque ela encarna – sem dúvida com um aspecto mais agradável – o louro Laverdure, que é de alguma maneira uma instância, um questionamento cuja metonímia é Zazie.

Seguramente vocês recordam que ela se introduz na novela quando um personagem a saúda: – "Bom dia, pequena [...] / –

"Seu cachorro não está nada mal", diz Zazie. / – "Sobe e não sejas esnobe", diz Gabriel. / "Esnobe o caralho", retruca Zazie (1). Essa cláusula que se repetirá ao longo da novela se tornou famosa. – "Vocês são muito graciosos", diz Zazie indulgente a seu tio e a seu ... Adotando um ar majestoso encontrado sem dificuldade em seu repertório, Gabriel declara: – "Zazie, se tens verdadeiramente gana de ver os Inválidos e a verdadeira tumba do verdadeiro Napoleão, te levarei". – "Napoleão me importa o caralho. Não me interessa nem um pouco esse cara vaidoso com seu chapéu ridículo", replica Zazie.

Pensemos nesta cláusula *me importa o caralho* [mon cul] que contagia tudo à sua volta, já que todos os personagens são alcançados de maneira progressiva por sua eficácia e todo mundo começa a exclamar: *isso me importa o caralho, aquilo me importa o caralho*.

Em termos lógicos podemos escrever *X me importa o caralho*, se quisermos aplicar a transformação fregeana que permite substituir um termo de uma proposição pelo índice de uma variável (aqui X maiúsculo), que assinala que diversos objetos de distintos nomes podem inscrever-se nesse lugar onde *me importa o caralho* é a constante. Se tivéssemos que abreviá-lo escreveríamos *F (x)* onde *F* é a função *me importa o caralho*.

Essa é uma maneira moderna de apresentarmos Diógenes. Zazie é Diógenes, não posso dizer de botas, visto que não é absolutamente evidente que as use. Não tive tempo de reler a novela para verificar o que Queneau nos detalha de sua vestimenta. Seria uma jardineira?

Entende-se desde essa perspectiva porque Zazie é eterna, Zazie no metrô como Aquiles dos pés ligeiros ou como o Homem dos Ratos. Ela está no metrô e só lhe interessa as profundezas da civilização, o que se chama em alemão – sublinho – Kultur (a cul-tu-ra) onde ressoa esse *mon cul* [*me importa o caralho*]: a chave da cultura. Em resumo, ali onde Freud escreveu *O mal-estar na cultura* Queneau realizou *Zazie no metrô* exatamente na

mesma estação.

O que desfila pelo lugar do X maiúsculo? Precisamente todos os produtos da cultura, "Esnobe o caralho" assim começa, como também o significante-mestre "Napoleão me importa o caralho". Como não há verbo, de algum modo a proposição zazineana *mon cul* tem estatuto de interjeição. Zazie consegue levar ao registro da interjeição e da injúria tudo o que a cultura propõe como produto, em um turbilhão desenfreado que nada detém, nem sequer Napoleão! É uma máquina de perfurar, de esburacar, de penetrar semblantes, de mostrar o estatuto de semblante de tudo que ocupa as pessoas que a rodeiam – especialmente as masculinas. Por algum motivo ela passeia por Paris com seu tio, que é na realidade uma *tia*, pois nos esclarece que ele é homossexual e especialmente invertido por razões que se fundamentam na teoria psicanalítica. De fato, está ali representada a essência da cultura, a saber: o cu!

Opõe-se então aos semblantes da cultura, que poderíamos chamar, por que não, de real do gozo, designado sob sua forma excrementícia. A pertinência de suas palavras brota de imediato: "Napoleão me importa o caralho" é convincente, não provoca dúvida quando se pronuncia. Zazie passeia esse cursor sobre tudo que considera ser interesse libidinal da sublimação cultural para referi-lo a seu ponto de origem. Evocando esse real do gozo sob forma excrementícia se produz um transporte de semblantes; significa: és merda! Aqui talvez se observe o parentesco entre *Zazie no metrô* e São Tomás de Aquino, que no final de sua vida reduziu ao lixo, *sicut palea*, tudo que era obra do saber, em particular a *Suma teológica*, essa inextinguível argumentação, verdadeiramente um exemplo *princeps*, maior, do saber em posição de semblante.

Se fiz um caminho, começando com Lacan, do *sicut palea* de São Tomás de Aquino – que em certo sentido disse *minha Suma teológica me importa o caralho* (disse como podia *não tem valor*, em um latim polido), capturado no discurso da religião ao

aproximar-se supostamente do real da morte –, desembuchou tudo isso, se me permitem. Sem dúvida, depois de haver consagrado à *Suma* a libido obtida por essa via, essa confissão é muito forte, embora seja ainda mais forte sustentar isso quando se é uma menina de doze anos. Santa Zazie!

Existem pessoas – inclusive em análise – que creem na reencarnação. Se fosse verdade, apostaria que São Tomás de Aquino reencarnou em Zazie no metrô. Em todo caso, talvez haja aqui o suficiente para fundamentar, para ilustrar o começo do cinismo feminino.

Seria mais verossímil se fosse um varãozinho que tivesse lançado *Napoleão me importa o caralho!* É que o menino começará rapidamente a colecionar soldadinhos e às vezes continuará com esse interesse até a vida que se supõe adulta (de fato há uma indústria de soldadinhos muito caros para os adultos) e talvez logo coleccione outro tipo de coisas. Segundo os antiquários, segundo os bibliófilos, a coleção propriamente dita está, como o fetichismo, mais do lado do varão. Por outro lado, é mais comum que se coleccione homens do que objetos.

### *Eros e Kultur*

Em *O mal-estar na cultura*, Freud propõe o mesmo que Raymond Queneau quando assinala que Eros é um dos fundamentos da civilização. Como indiquei, ele dedica ao tema uma digressão na quarta parte dessa obra. Evidentemente o termo *Eros*, o *Liebe* freudiano, é ambíguo e lhe serve enquanto tal. Mostra a indeterminação que vai do laço que une sensualmente dois indivíduos para ao amor que liga dois membros de uma família e até um conjunto mais vasto.

Porém, o *me importa o caralho* de Zazie desambigua esse Eros que se apresenta completamente desimaginarizado, salvo que designa uma parte considerada vergonhosa do corpo e com uma expressão não científica, mas propriamente uma gíria. Ela desce

ao metrô para finalmente mostrar que todo mundo, inclusive o rei da França, está sentado sobre seu cu, o que, por outra parte, nos evoca Sally Mara, outra heroína de Queneau, que descobre que o rei da Inglaterra é um gorducho quando, se bem me lembro, está sentada no aparelho sanitário. Nesse momento brilha essa expressão que terá efeitos, se me permitem, libertadores para ela, e na qual Lacan antecipava uma prefiguração de S( $\bar{A}$ ). *Me importa o caralho é um Eros reduzido, de alguma maneira, a seu real.*

Vocês conhecem as elucubrações de Freud, a curiosa gênese da sociedade que nos propõe, em certo sentido, sua digressão, seu *ensaio sobre a origem da desigualdade entre os homens e as mulheres* – para completar o título de Jean-Jacques Rousseau. Freud considera a família em primeiro lugar pela busca, desde o ponto de vista do varão, da satisfação sexual permanente, fazendo-o desejar ter perto de si seu objeto de amor, seu objeto sexual (se deixarmos de lado o papel que Freud atribui, em segundo plano, às necessidades do trabalho devido às imposições objetivas). Portanto, a família existe para que o macho tenha sempre ao alcance da mão a satisfação de sua pulsão sexual. Cabe destacar de imediato nessa digressão freudiana que não se trata de um argumento válido para as mulheres. Curiosamente, ele põe do lado da mulher em primeiro lugar – inclusive único – o desejo de permanecer perto de seu produto: da criança à qual deu a vida. Ela toma o homem por acréscimo para que os proteja e alimente.

A visão de Freud – que não tem um fundamento antropológico científico, pois é produto de sua experiência analítica – coloca para os dois sexos o repúdio à separação na origem da família. O homem recusa se separar de uma mulher, enquanto a mulher recusa se afastar da parte dela mesma da qual esteve separada, a saber, seu filho. Se traduzirmos seu valor em termos fálicos, como aprendemos a fazê-lo habitualmente, tem sentido assinalar que essa falicização não é recíproca, porque

do lado varão há falicização da mulher e do lado mulher, da criança.

Entendemos então facilmente as dificuldades e até os desencadeamentos que podem produzir-se no varão que se torna pai e perde eventualmente esse valor fálico para a mulher. Há ali para os homens, sobretudo para aqueles que entram no casal no lugar de criança, um momento de franqueamento especial, que às vezes pode se escandir pelo desencadeamento de delírios, por pouco que se tenha na base uma estrutura que permita isso.

Isso é lembrar os reparos que Freud põe às transformações desse amor de alguma maneira inicial, dessa forma primária de amor, e não somente se enganar com um machismo que parece evidente a seguir. Ele considera que os grandes interesses da humanidade – que aparentemente subscreve desde certas perspectivas, embora denuncie um mal-estar crescente para o sujeito – se fundamenta em uma defesa em relação a essa forma radical de amor. Finalmente no seu entender resulta tão incômoda essa dependência a respeito de um objeto de amor, de um objeto sexual, de um objeto erótico particular que o homem, sobretudo o macho, recorre à filantropia. É mais fácil amar todo mundo do que amar somente uma!

Logo encontramos os sarcasmos de Freud a respeito do amor universal, do para *todo x, eu o amo*, onde se vê a essência da religião porque, tal como Lacan quando fala de religião, ele pensa primeiro na religião católica cristã, que substitui o particular do interesse erótico por uma filantropia difusa que permite justamente esquecer aqueles que estão mais próximos. É conhecida a devastação produzida em uma família pela filantropia paterna, seja religiosa, sindical, médica ... Não lhe escapa o descendente que, para esse pai, *todo e todos* se antepõem à mulher que está ao seu lado. Freud indica isso amavelmente quando assinala que, antes de tudo, esse amor universal é uma injustiça com o objeto erótico e que não todos os homens, não toda a humanidade merece o amor. É possível que

essa ideia provenha de seu judaísmo, onde existe um *para todos* que, contudo, não se estende por força a toda a humanidade, mas se reserva para aqueles que verdadeiramente o merecem. Enfim, é divertido ler de sua pluma: "*Es sind nicht alle Menschen Liebenswert*" (não todos homens merecem amor) que está do lado do não todo.

Desde então o Eros freudiano é um Eros que se transforma. Afinal, a existência de um Eros particular e desse outro capaz de se converter em um Eros para todos inspirou, muito antes, a ideia de Jung das metamorfoses da libido. No entanto, Freud considera suspeito (pensa que talvez seja um semblante) que o destino do verdadeiro Eros indique o particular e o universal. Nesse sentido, nos familiariza com esta dificuldade de concepção: por um lado, está o Eros que estabelece laços, um laço erótico que suporta e serve à civilização, sendo inclusive, segundo suas palavras, um de seus fundamentos (o mal-estar na cultura é o fundamento da cultura; por outro lado, há uma *Entzweiung* (uma cisão, um corte em dois, uma antinomia) entre Eros e *Kultur*, caso dermos a Eros seu valor inicial como base do casal, quer dizer, de um laço com o Outro sustentado do lado do varão, não pela humanidade, mas por uma mulher.

De sorte que o Outro – da humanidade, do discurso universal – aparece como um semblante que vela uma mulher. Daí a oposição que se estabelece entre família e sociedade. Desde uma perspectiva, a família é a primeira forma de sociedade a ponto de, ao longo dos séculos, a metáfora se prolongar na teoria política, identificando a função principal do Estado com a função paterna. Desde outra perspectiva há um corte entre família e sociedade. O estatuto moderno do indivíduo implica precisamente esse desapego, cujas formas ritualizadas encontramos nas sociedades chamadas primitivas, que escandem e organizam o afastamento do sujeito a respeito de seus interesses libidinais, familiares, para entregá-lo ao grupo humano mais amplo que constitui o povo, a tribo. É isso que,

com as melhores razões do mundo, ainda que um pouco tarde, André Gide expressou sob a forma "Famílias, as odeio!" (na linguagem de Zazie, *As famílias me importam o caralho!*), destacando a necessidade de desfazer o nó familiar em que o sujeito se encontra às vezes tão enredado que pode, por exemplo, se analisar. Em certo sentido, alguém se analisa também para desfazer esse nó equivalente ao rito de passagem que não se cumpriu.

### *Sublimação e semblante*

Freud assinala que talvez a primeira coisa que conte seja a hostilidade das mulheres para com o semblante. Elas representam os interesses da família e da vida sexual e isso em oposição a *Kultur*: *A cultura me importa o caralho!* Eis aqui o que Raymond Queneau soube literalmente ler. Para Freud, elas exercem uma influência que retarda, restringe, limita a cultura, que recordam ao varão a forma inicial do amor que não é para todos, senão àquela que nunca será seu próximo. Em sua época, Freud crê poder sustentar que o trabalho da cultura, da civilização (*Kulturarbeit*) está do lado masculino, enquanto as mulheres fracassam na sublimação pulsional (*Triebesublimierung*). Evidentemente, não encontramos nisso muita abertura. Mas, graças particularmente à própria psicanálise abriu-se um novo espaço que não permite que se sustente exatamente o mesmo desde um ponto de vista social ou histórico. Isso parece também suficientemente superado na observação com a qual Lacan conclui suas "Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina", quando pergunta:

"Por que a instância social da mulher segue sempre transcendente à ordem do contrato que propaga o trabalho? [isso mudou, de todos os modos] E entre outras coisas, é como efeito disso que se mantém o estatuto do matrimônio na decadência do paternalismo".

Certamente não sabemos se a decadência atual do matrimônio é duradoura porém, de qualquer forma, segundo as cifras que temos, isso é muito notável na sociedade francesa. Há algo ali que avança e seria preciso pensar se é, como parece, um movimento de larga duração. Apesar de tudo, as mutações sociológicas têm suas raízes e são solidárias à intervenção psicanalítica sobre o inconsciente.

Por isso Freud não duvida em fazer das mulheres as inimigas da civilização, ou mais precisamente de seus semblantes, em situá-las do lado do real como aquelas que recordam ao varão que todos os seus interesses se originam em "o caralho" (entre aspas). Também por isso ele faz da posição feminina uma posição que se presta facilmente à substituição do real pelo semblante. Mais ainda, ele não se fia no supereu feminino. Por conseguinte, resta nas mulheres – que na atualidade também sublimam – inclusive naquelas para as quais se poderia diagnosticar certo êxito, a dúvida de encontrarem verdadeiramente lugar na sublimação, nas atividades da civilização. Por sua insistência, por sua inocência, subsiste nelas a dúvida de não estarem em seus lugares ao lado da ideia comovedora de que o verdadeiro lugar seria encontrado no amor, isto é, em serem amadas por um homem.

É dessa forma que se compreendem alguns fenômenos atuais – que na França parecem bem exóticos – como a insistência dos norte-americanos (outra vez eles!) em querer saber se seu futuro presidente enganou ou não sua mulher. Ninguém entende, nem sequer eles, porque eles ficam tão presos a uma exatidão sobre esse tema, enquanto os japoneses, alegremente se permitem, só pensam em se certificarem da vida sexual do presidente. Essas histórias, sem dúvida ingênuas, traduzem no fundo o desejo de assegurar que existe ao menos um que realizou a metáfora, que passou do Eros erótico a esse que é para todos. Eles não estão tão seguros de que o presidente chegue a amar realmente todos os norte-americanos se ele é demasiado dado a

algumas norte-americanas! Tudo isso se explica com o capítulo IV de *O mal-estar na cultura* e não esqueçam que, ao fazer desse livro uma observação especial sobre os Estados Unidos da América, Freud não duvida em opor o novo mundo ao antigo.

Também nesse sentido se compreende o interesse que as mulheres têm às vezes em fazer crer, em penetrar nos semblantes do varão. Com frequência o valente se defende imputando-lhes uma especial afinidade com os semblantes, quando em realidade desde essa perspectiva estão do seu lado. Enfim, nada une tanto uma pessoa do conjunto das mulheres a um homem como a impressão que ela pode lhe dar, se for o caso, de sacrificar os semblantes de sua atividade sexual, de sacrificá-los pela cama. Não se trata de alguma perversão, senão de desejo de medir seu valor a respeito dos semblantes do varão.

Lacan traduziu como metáfora paterna (o Nome-do-Pai sobre o desejo da mãe), o que Freud apresenta como substituição do Eros inicial pela civilização.

NP

---

DM

Que o Nome-do-Pai seja um fato de sublimação já indica que ele é um semblante e que a civilização se sustenta por semblantes. Escrever o desejo da mãe sob a barra supõe retraduzir o modo que Eros segue em sentido contrário, e que a própria sexuação do sujeito – sua escolha sexual que desde “Os complexos familiares” Lacan chama sexualização – depende do lugar que se dá a essas funções. Refiro-me ao texto de Lacan que sublinha a prevalência do princípio masculino na cultura, este que quer que se sublime a pulsão. Porém, ao mesmo tempo, o ainda jovem Lacan assinala que essa preferência tem um avesso – palavra que com razão nos ressoa especialmente – que, segundo suas palavras, é a ocultação do princípio feminino sob o ideal masculino.

Tentemos ver o que significa essa ocultação. No fundo, ela articula que há uma perda no cumprimento do que Lacan ainda não chama de metáfora paterna, senão de prevalência do princípio masculino. É que algo está perdido com o princípio feminino, ao qual se atribui um mistério. Vê-se inclusive no mistério da Virgem o signo constante desse valor ocultado. O mistério da Virgem – que a Igreja católica utilizou sabiamente – serve para tornar a mulher absoluta como Outro para representar o mistério absoluto fora do falo.

Talvez agora se entenda que lugar é preciso dar ao discurso do mestre na psicanálise, embora Lacan introduza matizes. Existe sem dúvida uma correspondência entre o discurso do mestre e a prevalência do princípio masculino e da mesma forma uma afinidade entre a psicanálise e o princípio feminino.

De qualquer modo, gostaria de explicar a feminilização da psicanálise, que é quantitativamente notável (penso sobretudo na Argentina), sobre o que me burlei uma ou duas vezes. Porém, não se pode permanecer na burla, trata-se de saber o que a psicanálise satisfaz especialmente às mulheres. Ocorre que a psicanálise põe no centro precisamente o Eros em sua forma inicial. Esse produto tão sofisticado da civilização, que é a psicanálise, constitui em si mesmo um desmentido do semblante do varão e justifica, se me permitem, a posição que Freud atribui às mulheres. É preciso saber, no que parece uma desvalorização freudiana da posição feminina, que ele *não* fornece, em definitivo, outra posição ao analista que também suspeita do amor ao próximo.

O psicanalista seria um discurso que não partiria do semblante. Lacan se perguntou e chegou a indicar, não simplesmente entre linhas, que o objeto *a* é definitivamente ele mesmo semblante. O *me importa o caralho de Zazie* também é semblante! Por outro lado, há um ponto em que só a partir do semblante se pode denunciar o semblante. Inclusive é com a ajuda de um semblante – que supomos mais próximo do real – que

se desmonta o conjunto, o *ensembiant*<sup>2</sup> menos um. Com isso se forma o significante mestre, com isso se constrói o que oculta o lugar do significante mestre, ainda que seja chamado de *caralho*. Depois de tudo, talvez não exista posição mais esnobe que a de Diógenes.

A exploração que Lacan esboça com o preço pago pela prevalência do princípio masculino na civilização – a saber, a ocultação e o mistério que permanecem no princípio feminino, cujas razões estruturais proporá mais adiante – o conduz a revisar a posição e a gênese da inversão sexual. De fato, no próprio texto da experiência de Freud é possível acompanhar a oposição que ele estabelece entre esse Eros inicial, em que o eu se dirige ao outro sexo, e o Eros transformado em filantropia, que é pelo contrário homossexual, coisa que Queneau nos recorda maliciosamente quando tio Gabriel rodeia a cínica Zazie quase inseparável dela. Seu companheiro, seu Sexta-feira, se me permitem, é um invertido, ou seja, não somente homossexual como também afeminado.

De qualquer forma, esse resultado falseado, derivado, que não é ótimo a respeito da metáfora standard, é imputável ao modo que o princípio feminino subverte o ideal masculino, ao modo que o desejo da mãe, no próprio seio da metáfora, faz vacilar o Nome-do-Pai. De fato, a inversão é relativa – pelo menos na gênese freudiana – a um fracasso da sublimação ou a uma pantomima, a uma farsa de sublimação. Se quiserem representá-lo, pensem na mãe de André Gide – cuja correspondência com seu descendente acaba de ser publicada – que se dedicou a encarnar os mais altos ideais da civilização, que durante sua vida apresentou para seu filho os mandatos da religião e se tornou a porta-voz exigente, ativa de, digamos, o ideal religioso da filantropia para o qual se esforçou em sua espécie de sublimação moral.

Conseqüentemente, o pai ficou reduzido a uma espécie de companheiro de jogo, de figura absorvida pelos semblantes da

civilização. Professor de direito, consagrado por inteiro a esse trabalho e a essa sublimidade moral encarnada na mãe, teve sobre o menino Gide um efeito bastante convincente, que podemos chamar de emasculação – para empregar a linguagem algo dura de Lacan de “Os complexos familiares” –, que o conduziu desde muito jovem a se entregar à masturbação compulsiva e quase pública que fez, como sem dúvida sabem, que o expulsassem da Escola Alsaciana que frequentava, quando aos nove anos de idade foi surpreendido em plena classe verificando de alguma maneira se ainda o tinha.

Para fazer intervir uma figura paterna poderosa em sua história, Lacan acentuou o socorro simbólico que havia encontrado na figura de Goethe. Trata-se do perfil – em vias de extinção, pelo menos em nossas regiões – da mãe de sacerdote que, por ser por excelência a portadora dos ideais que Freud considera do lado masculino, obtém de seu filho o sacrifício de seus interesses eróticos pelas mulheres, em todo caso por outra mulher. De modo que encontramos no mais profundo da gênese da inversão o efeito de castração prática sobre o descendente varão, que é de alguma maneira a solução que a mãe encontra ao que se pode chamar com Adler – é o termo que Lacan retoma em “Os complexos familiares” – sua protesta viril.

Há aqui algo que se poderia situar no capítulo dos efeitos de devastação dos semblantes da sublimação quando uma mulher os representa. Contrariamente ao que se acreditava em princípio, é preciso partir da antipatia da posição feminina aos semblantes para entender de que maneira ela os maneja, os adota, os faz respeitar e até os fabrica.

É possível observar a marca dessa hostilidade aos semblantes – que constitui meu ponto de partida – no que Lacan assinala: no casal essa repartição faz, às vezes, da mulher a guardiã do tesouro e mostra a satisfação que ela pode experimentar administrando o dinheiro. Tanto a avidez feminina, que concerne a essa acumulação, como a frivolidade que se

imputa a ela – o gosto pelo desperdício – estão enraizadas em que o dinheiro, sem dúvida semblante, é a tradução aparentemente concreta de todos os semblantes. Trata-se, pois, de saber quanto traz para casa e o resto *me importa o caralho*. Vemos claramente que para uma mulher cem reais e cem reais possíveis não são a mesma coisa. Desde esse ponto de vista do conceito, do ponto de vista masculino são equivalentes, porém existe uma pequena falha, certo *há* ou *não há* que é possível conceituar de onde Heidegger deriva precisamente seu ser (visto que se vale da refutação kantiana do argumento ontológico para nos mostrar um pressentimento do que chamou com seu nome de semblante) e de onde, com sentimento da realidade, se introduzem as mulheres.

Portanto, isso não impede que exista, nas mulheres, o postigo, até o ponto de talvez ser apenas aparente a ausência de fetichismo feminino. É possível acompanhar nelas – à distância e com respeito – a confecção do postigo, esse que, se me permitem, somente é possível tocar com extremo cuidado. Por isso reservarei esse tema para a próxima vez, quando eu tiver verificado o peso de todas as minhas palavras.

*Tradução: Maria Angela Maia*

---

<sup>1</sup> Essa lição do Curso *De la naturaleza de los semblantes* foi proferida em Paris em 05/02/1992 e publicada em espanhol em dois lugares. Primeiramente no livro de J.-A. Miller *De mujeres y semblantes*. Buenos Aires: Cuadernos del pasador, 1993, cuja transcrição e revisão coube a Juan Carlos Indart. Posteriormente ela aparece na edição integral do referido curso, editada também em Buenos Aires, pela Paidós, em 2001, com texto estabelecido por Silvia Elena Tendlarz. Usamos como base para a tradução ao português esta versão estabelecida do curso sem deixar de cotejar, no entanto, com a primeira edição mencionada.

<sup>2</sup>N.T. *Emsemblant*, neologismo que condensa *emsemble* (conjunto) e *semblant* (semblante).